

FEMINISMO E RECOMPOSIÇÃO DA ESQUERDA

CHRISTINE DELPHY

TRADUÇÃO DE ESTEIA DOS SANTOS ABREU

Se for perguntado que papel pode ou deve desempenhar o feminismo na recomposição da esquerda, convém primeiro examinar os limites da própria pergunta. Falar do feminismo na recomposição da esquerda implica que o primeiro termo está numa relação de inclusão, ao menos potencial com referência ao segundo, mesmo que as modalidades dessa inclusão ainda precisem ser definidas. Mas, pelos mesmos motivos, supõe-se que antes da inclusão, o feminismo e a esquerda mantêm uma relação de exterioridade.

Toda relação tem de ser mútua, mas nem sempre o é assim, como as mulheres são consideradas 'diferentes' (sem que seja dito de que ou de quem tão-evidente isso parece a todos) também é o feminismo que está fora, sem ser preciso dizer que a esquerda, qualquer que seja sua situação, até meio atoadada, sempre está 'dentro'.

Mas, antes de examinar os problemas estruturais contidos nesta pergunta queremos anunciar que uma solução estrutural está em vias de experimentação e de teorização. Ela consiste em mostrar a necessidade para qualquer instancia de decisão, bancada política de um partido, banca de concurso, organismo profissional, parlamento etc. - de uma paridade dos dois sexos paridade em números de princípio, segundo, o modelo metade-metade ou então nada¹. A experiência do

Partido Verde alemão é bastante expressiva, foi talvez o único sucesso político desta última década em todo o mundo ocidental e também o único partido que adotou uma paridade rigorosa. O que merece reflexão.

Vamos tentar destrinchar o problema da relação entre feminismo e esquerda, tal como chega até nós, isto é, herança de um século e meio de mal-entendidos. Antes de tudo, vamos examinar os termos em si. Nenhum tem sentido claro e unívoco por motivos diversos. O que quer dizer feminismo e o que quer dizer recomposição da esquerda?

A palavra feminismo tem no mínimo três significados ou três universos de referência possíveis. É uma filosofia ou uma série de opções morais e políticas, estas podem ser apresentadas por uma ou um individua(o) ou em certas épocas não serem apresentadas, sem com isso deixar de existir no universo das ideias. É fundamentalmente um movimento social, ora numeroso e visível, ora recolhido. Enfim, para muitos significa apenas as mulheres. Apenas ou aparentemente apenas, porque essa evidência da existência das mulheres, ou melhor, do que constitui as mulheres em grupo ou em categoria política pertinente é uma questão não resolvida no plano teórico, algumas baseando as categorias de gênero numa filosofia ontológico-biológica (A diferença), filosofia ultrapassada, no que se refere à dominação de classes e até a de raças, outras, nas quais me incluo, baseando essa pertinência numa comunidade de destino e portanto, de interesses numa diferença historicamente formada entre os dois sexos.

Essas três acepções estão ligadas e não se pode escolher uma excluindo as outras duas. Vamos aqui falar, sobretudo, do movimento social, mas sem esquecer que ele está intimamente ligado ao conjunto segundo o qual a sujeição de um sexo ao outro é inaceitável. A discussão começa com a pergunta até onde a sujeição é aceitável, ou, o que dá na mesma, em que consiste a sujeição?

Quanto a recomposição da esquerda, trata-se de um objeto ilusório. Não é a esquerda, senão, a pergunta seria o feminismo na esquerda. Mas também não deixa de ser a esquerda. É um objeto decomposto, senão, não se falaria de recomposição e que não vai ser criado do nada, senão, também não se falaria de recomposição.

O feminismo e a esquerda

As relações do feminismo com os movimentos de ideias e com os movimentos institucionais, que há um século e meio são chamados de esquerda, não são simples. A nova história feminista está estudando essas relações e ainda não pode, talvez nunca consiga, chegar a uma conclusão geral e unívoca desse estudo. Existem, porém, constantes verificadas na história recente e nas circunstâncias da emergência do segundo movimento feminista do século, nos anos 1970. A breve menção que faremos aqui será forçosamente subjetiva e parcial.

Em 1970, quando foi criado após décadas de organização das mulheres, como tais, um novo movimento de mulheres, seja na França ou em outros países ocidentais, a esquerda e mais exatamente, a extrema esquerda, foi ao mesmo tempo o interlocutor privilegiado e o principal inimigo². A maioria das centenas de mulheres que começam a reunir-se ou a falar de liberação vem da extrema esquerda. Se já não pertencem mais a essas organizações, concordam com seus pontos de vista, com exceção da questão da mulher, que depois de anos de reflexão, elas deixaram de considerar como a esquerda a considera como um pormenor.

Nos Estados Unidos quase todas as primeiras feministas tinham um longo passado militante, tanto no movimento pelos direitos civis dos negros como na resistência a guerra do Vietnã. Há dez anos vinham lutando por justiça para as minorias e contra o imperialismo. Terá sido de repente ou pouco a pouco que elas perceberam a ironia da situação, estavam sendo exploradas na luta contra a exploração e em nome

dessa luta? É a síndrome do colonizado, paradoxo tão bem destacado pelos vietnamitas e pelos argelinos que se manifesta, é com o país ou com o sexo colonizador que aprendemos os valores que ele não nos aplica e que retornamos então contra ele. Na França, a participação no movimento de 68 foi o fator que desencadeou o renascimento feminista e como nos Estados Unidos, foram a lógica e os termos da extrema esquerda que as feministas devolveram a esta. Por tal motivo e também porque na época as lutas anti-imperialistas estavam em primeiro plano, as feministas se viram, mais até do que se conceberam, como um povo oprimido, isso nunca foi dito, talvez, nem tenha sido explicitamente pensado, mas a palavra liberação absolutamente medita na história do feminismo, aí está para mostrar quanto a referência às lutas de liberação nacional que foram a principal experiência dessa geração de herdeiros do colonialismo e o paradigma mais poderoso. Esse paradigma ou metáfora instrumental para a confecção de um sentimento de solidariedade de gênero entre as mulheres tem inconvenientes, contém os germes de um nacionalismo cultural ou até territorial, favorece o particularismo à custa do universalismo. Foi o que permitiu os desvios de identidade e o cortejo de horrores de guerras pseudo éticas ou pseudo religiosas que ensanguentam a África, o Oriente Médio e atualmente, a Europa. Esses desvios de identidade, sejam eles no início defensivos, como no caso das lutas de libertação nacional, ou desde logo uma busca não velada de hegemonia de um grupo, como nos separatismos iugoslavos, ou estejam num ponto intermediário como no caso dos países bálticos, sempre terminam na violação da democracia e dos direitos humanos³.

Eles não poupam, porém, a discussão política ocidental, nem o feminismo, pois, essa tentativa geral é especialmente viva nos grupos aos quais o pleno estatuto de humano continua a ser negado, grupos que podem ser tentados a contornar esse obstáculo fundando sua revolta numa análise que evita o confronto direto com aqueles que lhes negam a humanidade. Em 1930, nos Estados Unidos, foi um negro

quem inventou o slogan de igualdade na diferença para fazer progredir sua raça, como se dizia na época, sem ferir as convicções racistas enraizadas na mente da maioria branca. A tentação de reivindicar direitos de forma condicional por causa da especificidade da mulher e não de forma absoluta, a fim de impedir a negação dos direitos, é uma constante histórica do movimento feminista através dos tempos⁴.

Assim, é pela ruptura com a extrema esquerda que começa o movimento feminista. Não uma ruptura qualquer, mas a ruptura do desencantamento da decepção. Os homens de esquerda não estão à altura daquilo que dizem. Não se pode confiar neles, e se não é possível confiar neles a respeito dessa questão, sua sinceridade torna-se discutível e sua credibilidade fica prejudicada em qualquer domínio. Mas, sempre em nome dos mesmos valores. Apenas não se pode mais atribuir aos homens a capacidade de pôr em prática esses valores. As feministas realizam, pois, uma cisão de esquerda e se percebem logicamente como as verdadeiras portadoras dos valores da extrema esquerda.

Tal posição não é nova na história das relações entre feministas e organizações políticas. Regularmente, no decorrer dos dois últimos séculos da história ocidental, feministas denunciaram a traição dos partidos de esquerda a seu próprio ideal no tocante a questão da mulher.

Na França, na realidade cotidiana do movimento que está se formando, as coisas não são simples, a ruptura com as organizações está consumada para a ala radical das feministas, mas não o está para a tendência luta de classes que quer fazer avançar suas organizações e vai deparar nessa tentativa com várias dificuldades. Será possível, efetiva e eficazmente, fazer evoluir uma organização, um partido, um sindicato, estando dentro dele? É uma discussão que vai além da extrema esquerda e até da esquerda.

As mulheres que estão nos partidos sabem, embora, quase nunca o reconheçam, que sem a pressão das feministas de fora não

conseguiriam nenhuma relação de forças a seu favor no partido. Por outro lado, elas constituem um ponto de apoio para as feministas independentes que não fazem parte do jogo político institucional e não podem transformar em propostas concretas sustentadas por grupos e congressistas, suas ideias de reforma. Os dois papéis podem ser vistos como duas etapas, ambas necessárias de um mesmo processo que norteia a reflexão, a ser um dia transformado em fatos. São, portanto, igualmente indispensáveis. Esses dois papéis não podem ser desempenhados pelas mesmas pessoas, pois, a unidade do processo não apenas está escondida, mas as pessoas implicadas em cada etapa são levadas a se ver como antagonistas, ao passo que as funções que elas preenchem podem ser tidas como objetivamente complementares.

Essa visão que é defensável e corresponde em grande medida aos fatos, coloca os dois papéis em pé de igualdade e por isso, questiona a relação aos partidos, sobre a qual se fundou historicamente o novo movimento feminista dos anos 1970. Mas, haverá uma verdadeira simetria nessa complementaridade dos papeis, terão eles o mesmo peso? Cabe a pergunta e pode-se até afirmar que sem a rejeição inicial dos partidos e sem a existência de um movimento independente, as feministas não teriam voz nos partidos - e elas têm pouca, além de que talvez não fossem abertamente feministas. O segundo papel é menos importante que o primeiro, pela simples razão de que o segundo pressupõe o primeiro, ao passo que o inverso não é verdadeiro.

A independência do movimento feminista é necessária a ação feminista, isso vale para todos os períodos históricos até hoje. Mas, essa verdade supõe duas condições 1) que o movimento feminista exista, porque para ser independente ele precisa primeiro existir, 2) que os partidos, grupos e organizações da esquerda capaz de se recompor, senão , recomposta estejam de acordo consigo mesmos, isto é, estruturados por uma hegemonia masculina ao mesmo tempo formados essencial ou unicamente por homens que persistem em recusar a

problemática feminista, ou seja, persistem em ignorar com falsa serenidade e verdadeira obstinação a opressão sofrida por metade da humanidade.

Não há motivo para pensar que os componentes da virtual nova esquerda e, sobretudo, os componentes mais fortes tenham mudado. Aliás, se tivessem mudado, caberia à questão do feminismo? Se o feminismo fizesse parte do estoque das ideias sedimentadas da esquerda, a questão de seu lugar teria cabimento?

Ora, pode-se constatar que o feminismo depois de muitos anos continua praticamente desconhecido no batalhão da esquerda. Para este e a maioria de suas tropas, se houve um problema das mulheres já foi resolvido, se há ainda algum se resume para os dirigentes e os militantes no aborto e na contracepção. E não podem falar disso, não é problema deles, então convidam uma mulher para falar do assunto. Identificam-se mais espontaneamente com o povo da Etiópia que nunca viram ou com os operados que eles não são, do que com as pessoas com as quais costumam partilhar mesa e casa.

Na França, tanto a esquerda quanto a direita, recusam-se, obstinadamente, a usar o que é norma em todas as línguas internacionais, como no inglês, no espanhol etc., a expressão consagrada, direitos humanos, insistem na expressão direitos do homem considerada em todos os lugares, inclusive nos outros países francófonos, como sexista. A esquerda e a direita pretendem com evidente má fé, que de repente, na expressão direitos do homem, o dito homem torna-se genérico, ao passo que ele é sexuado dia e noite e que, de repente, as pessoas compreendem que as mulheres estão incluídas no homem. Mas, evidentemente, as pessoas não compreendem nada disso e quando a liga dos direitos do homem lembra que os direitos da mulher fazem parte dos direitos do homem temos a prova de que esses direitos das mulheres são outra coisa, e que mesmo com uma série de explicações, notas e aditamentos

constantes, cansativos e nada convincentes, os direitos do homem valem apenas para os homens do sexo masculino.

Por outro lado, se esses componentes não tivessem mudado em nada a questão do lugar do feminismo, nem entraria em discussão. Estamos, pois, diante de uma situação que sem ser radicalmente diferente da anterior, já que a questão do feminismo é resolvida convidando-se uma mulher álibi para falar de assuntos restritos também, não é totalmente idêntica, o feminismo está longe de ser um assunto fundamental e premente na vida da esquerda, mas tem de ser levado em conta.

Já se sabe que para dançar tango são necessários dois. Um e outras podem sonhar e descrever seu mundo ideal, no mundo ideal das feministas todos são feministas. Mas, na realidade é o mais forte que dita suas condições. E não há dúvida de que diante de uma esquerda, mesmo decomposta, mas, com décadas de tradição e de organização, o movimento feminista não está em pé de igualdade.

Nunca esteve e hoje menos do que nunca. Sempre esteve dividido na França, mais que em outros países, tanto no plano ideológico como no organizacional. As tentativas de sua ala radical para imaginar um funcionamento diverso do da representatividade piramidal clássica fracassaram, não houve outro tipo de coordenação. Mas, a organização clássica e piramidal da tendência luta de classes não a protegeu no decorrer do tempo do esfacelamento e da desmobilização.

O paradoxo dessa situação é que o refluxo do movimento feminista que na França é gritante, acontece em paralelo a crise generalizada da esquerda, crise do militantismo, crise de valores. Não só em paralelo, mas como expressão do mesmo fenômeno de fundo conhecido, como afim das ideologias S/C. Convém acentuar o *sic* porque o chamado fim das ideologias é, de fato, o retorno flagrante da ideologia conservadora. Vamos deixar de lado por enquanto estes parênteses e continuemos com o paradoxo, embora a crise do

feminismo faça parte da mesma crise que atinge a esquerda e provoque projetos de recomposição, ela deixa o feminismo que nunca foi tão forte em situação nitidamente mais fraca que a dos outros componentes potenciais dessa reestruturação.

Concretamente, frações de sindicatos podem negociar com frações de partidos, cada um tem filiados, jornais, redes, dinheiro, menos do que desejam, mas, com certeza mais do que os poucos grupos feministas que sobraram.

Em busca da universalidade perdida

Em certo momento, o movimento feminista pretendeu ou sonhou ser global. Já muito se criticou a falsa universalidade da esquerda (e, aliás, da direita) que trata da metade da humanidade como se estivesse se referindo a toda a humanidade. E a falsa universalidade, que como todas as hegemonias que se exibem sob a máscara do universal, desacredita a própria noção de universal e justifica as ideologias diferencialistas, separatistas e nacionalistas. Nós, as feministas, íamos atingir o universal, a verdade, haveria um ponto de vista feminista sobre cada assunto. Mas, esse objetivo era sempre adiado porque havia algo mais urgente tratar, da situação da mulher. Se não tratássemos disso como tanto a direita, o que não é de admirar quanto a esquerda, o que é lamentável, não o haviam feito, não o faziam e não o fariam, ninguém mais o faria. E essa concentração sobre a situação da mulher, era sinal de feminismo autêntico. As esquerdistas que em 1970 queriam que fossemos gastar nossas fracas energias em favor dos palestinos ou dos trabalhadores imigrados eram vistas como recuperadoras (o que eram de fato). Ninguém se preocupava conosco, ninguém ia cair no conto do pronto socorro, vocês, a gente, atende depois, depois da libertação deste ou daquele povo, depois do fim do racismo, depois da libertação dos proletários, depois da Revolução, enfim, depois de tudo, Movimento feminista significava que somos tão importantes quanto os

outros, significava também que não vamos esperar mais que os outros se interessem por nós, vamos nos interessar por nós.

Mas, justamente porque a tarefa era tão longa, tão exigente, porque há tanta coisa a questionar, a repensar, a fazer e como somos as únicas que se interessam por isso, não sobrou muito tempo para dedicar a outros assuntos.

Ora, um dos resultados paradoxais desse fato é que delegamos, implicitamente, ao resto da esquerda ou de modo geral aos partidos tradicionais, a reflexão e a ação sobre os outros assuntos. Em parte foi por isso que algumas feministas nunca deixaram os partidos tradicionais, porque só lá esses outros assuntos eram abordados.

Essas questões costumam ser chamadas gerais, como se a questão da mulher fosse particular. Não. Ela não é mais particular que a questão do imperialismo, que a do racismo, que a do capitalismo, que a do meio ambiente ou que a do produtivismo. Nenhum tipo de opressão e de exploração é mais particular que outra. Mas, as questões que não são as da mulher costumam ser pensadas ou são ainda pensadas como constituindo no conjunto. A política, ao passo que o feminismo é visto, no máximo, como ultrapassada e desnecessária, ou na melhor hipótese, como uma questão de sociedade (os costumes o rock, a cultura dos jovens) sem status político.

O fato de as instâncias, onde se tratam as outras questões, não integrarem a questão feminista não prejudicou, até agora, o status político dessas instâncias, ao passo que, o fato de as feministas não terem uma doutrina sobre as outras questões concorre para a percepção do feminismo como marginal ou até fora do campo político.

O mesmo fenômeno pode ser observado com referência ao movimento ecológico, que é visto como voltado para um assunto restrito. Os ecologistas, porém, conseguiram transmitir a ideia de que esse movimento, pelo menos em potencia, é de âmbito totalmente político. Seja como for, é um movimento sempre dividido entre duas

injunções, posicionar-se no campo político cujas prioridades é linhas de força, foram definidas antes de sua chegada e ao aceitar essa definição tradicional de política correu o risco de relegar suas preocupações a posição secundária que elas ocupam nessa definição tradicional ou então, insistir com firmeza no fato de a problemática ecológica conter em si uma mudança do conjunto da política, quando menos não fosse pela reorganização das prioridades a que ela obriga.

O movimento feminista com medo da diluição e da dissolução de seu conteúdo escolheu, de fato, privilegiar a primeira opção. Ora, isso tem consequências paradoxais. De um lado, as feministas que querem tratar das outras questões não conseguindo fazer isso dentro do movimento, têm de fazê-lo nos partidos e nas organizações tradicionais. Mesmo quando esses partidos e organizações desistiram de recuperar o movimento, o duplo militância é problemático para os indivíduos mulheres, como para a instância mais fraca em termos organizacionais, isto é, o movimento feminista. De outro lado, essa situação faz com que as feministas abandonem de fato as outras questões para outros partidos ou organizações tradicionais, ou seja, masculinos, tanto em suas direções encarnadas (os homens) como em suas direções ideológicas (as ideias).

Isso não vale apenas para as feministas que praticam o duplo militância. Por falta de um posicionamento, todas as feministas deixam objetivamente o terreno das outras questões para os homens. Tal fato não seria grave se essas outras questões só se referissem aos homens. Mas, é claro, referem-se a todo mundo.

Chega-se assim a seguinte ironia, a ideologia da separação das esferas denunciada pelo movimento feminista aos homens, o exterior, o domínio público, as mulheres, o interior, e o privado, é reproduzida de certo modo no campo político. Verifica-se nestes últimos cinquenta anos na política institucional, as poucas mulheres que participam dos governos, são chamadas a tratar das questões sociais da família, da saúde.

Que essa divisão do trabalho subsista no âmbito político mais amplo e seja de forma tacita confirmada pelo próprio movimento feminista, cuja ambição era abolir essas separações e reorganizar o conjunto das prioridades políticas, é mais preocupante. Como entregar a política exterior, a posição para com o Terceiro Mundo, a defesa e a organização do assalariado, a opção pró ou contra o produtivismo na mão de partidos e organizações tradicionais?

Algumas feministas seriam levadas a responder que nada tem a ver com isso. O que não é verdade, estamos envolvidas nisso tudo a duplo título. Primeiro, porque as opções feitas pelos governos, seja em referência a coletado lixo, seja em referência a energia, afetam o presente, a vida cotidiana de todo mundo, depois, porque na democracia parlamentar ao votar e também ao não votar, confirmamos essas opções, é como se tivéssemos feito essas escolhas. Enfim, essas opções, quaisquer que sejam e a respeito do que quer que seja, sempre tem repercussões próximas ou longínquas, imediatas ou mediatizadas sobre o lugar da mulher na sociedade.

É mais que irônico que um movimento que por princípio questiona a lucidez masculina e no seu discurso costuma considerá-la como totalmente ausente ou até pervertida, se entregue na realidade, a loucura dos homens para decidir sobre todos esses assuntos cruciais.

Mas o que fazer? O movimento feminista encontra-se no mesmo dilema dos ecologistas, adaptar-se a definição política dominante sob pena de perder a alma, a ênfase está na opressão das mulheres, como também o potencial criativo dessa ênfase, isto é, o questionamento das prioridades tradicionais é a possibilidade de chegar um dia a uma lista não apenas organizada de outra maneira, mas também substancialmente modificada? Ou continuar a manter obstinadamente sua reflexão?

Esta última opção não é fechada em termos de resultados em longo prazo. Porque tal reflexão, acompanhada de uma ação, sempre a descobrir novas facetas, uma nova profundidade, a opressão de gênero

(convêm lembrar, por exemplo, a linha que vai da luta pelo aborto a denúncia do estupro e atualmente, do incesto, o que desmantela a pseudonaturalidade do âmbito privado) muda forçosamente a visão que se tem do conjunto da sociedade, portanto, das linhas de força e dos mecanismos de todos os sistemas de dominação. É virtual portadora de uma redefinição da sociedade, logo, da coisa pública.

Mesmo assim, não basta redefinir num canto a sociedade e as tarefas que a coisa pública, deveria atribuir se é preciso convencer os outros da validade desse visco para que a política mude efetivamente. Se os outros não forem convencidos (e os outros são os não feministas de todos os sexos), o movimento feminista permanecerá especializado numa questão que continua a ser considerada menor, ou a ser acrescentada no final de uma lista pré-estabelecida, lista que, aliás, garante que a questão vai permanecer menor.

No atual estado de coisas, com o movimento feminista em recuo e no limite da inexistência, sob o aspecto da relação de forças que ele pode criar com os outros componentes políticos, não só não consegue convencer os outros da validade de uma nova visão global, mas nem mesmo tem capacidade para desenvolver essa visão global. Ele está por necessidade crispado na defesa de conquistas que sofrem contínuo questionamento por causa de seu refluxo. Pelo mesmo motivo, ele é o único que defende essas conquistas, as outras forças políticas já nem fingem que as consideram importantes e nisso exaure todas as suas débeis forças.

Enfim, cabe perguntar se sobre os outros assuntos existe forçosamente um ponto de vista feminista ou da mulher e se existir, se é uma coisa boa. Por exemplo, o posicionamento política sobre a defesa nacional. Haverá diferença entre a oposição, a guerra, a última foi a do Golfo - feita por uma mulher ou um homem feminista ou não? Muitas mulheres defendem um militantismo pacifista à parte, em nome de uma sensibilidade que seria específica da mulher. Tal abordagem pode exemplificar o que seria uma visão política ao mesmo tempo geral

e feminista, isto é, não tratando apenas e unicamente da mulher, mas partindo de um ponto de vista feminista ou da mulher.

De fato, ficou amplamente provado que na história as mulheres foram tão belicosas quanto os homens e que as mesmas condições sociais, a posição de mãe e esposa, levam tanto a posições belicistas como a posições pacifistas.

Raízes e fontes

Por outro lado, essa análise despreza conquistas teóricas do feminismo, ou seja, que as reações das mulheres dependem de sua situação na sociedade e, pouco ou nada, tem a ver com uma suposta natureza. Além disso, toda referência a natureza, a diferença, revela-se intrinsecamente perigosa no plano político, sempre foi, é, e será utilizada de forma dominante e sobre o modo dominante para justificar que as mulheres nada têm a dizer nos campos reservados aos homens e devem ocupar-se exclusivamente de seus (pequenos) negócios, porque foi inventada no fim do século XVIII, por Jean Jacques Rousseau, entre outros, precisamente para isso e para suprir a falência da ideologia do direito divino que justificava a desigualdade com uma autoridade nunca mais igualada. E a existência de uma corrente da diferença no interior do próprio feminismo é o sinal impossível de desenvolver aqui de que as mulheres não estão convencidas de seu estatuto humano, o que explica que elas não estejam mais convencidas que os outros de sua legitimidade política⁷.

Entretanto, os postulados do feminismo mais geral, aqueles que compõem o tronco comum das reivindicações feministas ao longo das épocas, conferem-lhe a possibilidade de ter um ponto de vista exato sobre o conjunto das questões políticas, o que não significa que esse ponto de vista seja estrita e unicamente feminista e não possa aliar-se e até confundir-se com outros.

O feminismo não é uma entidade sui generis sem relação com coisa alguma, porque a opressão das mulheres é específica, qual opressão não é específica? Não se conclui que as causas dessa opressão devam ser buscadas numa especificidade de suas vítimas, nem que os motivos de revolta das ditas vítimas sejam específicos. É a popularidade desse sofisma que explica o sucesso da escola da diferença.

Os motivos de revolta, a suma do feminismo, são a aspiração à liberdade, o espírito de justiça, o ódio, a iniquidade, e a arbitrariedade, o respeito ao que é humano e ao indivíduo. A mera aplicação desses princípios bastaria para que o feminismo tivesse sobre qualquer questão uma posição ao mesmo tempo sua (não tirada de ninguém) e coincidente com a dos movimentos, partidos, organizações, etc. que partilham os mesmos valores.

Por exemplo, no que se refere à política exterior, não é preciso ter uma anatomia feminina para perceber que a Guerra do Golfo era como o é sua continuação velada pelo bloqueio, uma das manifestações, a mais espetacular, mas não a uma do imperialismo americano e em geral ocidental. Não é como mulheres e menos ainda, como mães, que algumas feministas fizeram manifestações contra essa guerra. Não, a razão da presença dessas feministas era apenas o fato de ser uma guerra injusta.

Aplicar aos outros os princípios pelos quais se deseja ser governado é a base de todo pensamento progressista. É um egoísmo bem compreendido, pois, como propor a igualdade, se não a praticarmos? Ora, essa base não encontra seu próprio fundamento apenas num raciocínio pragmático, é quase cínico, mas numa crença profunda na unidade e na necessária solidariedade do gênero humano, porque é essa solidariedade que nos torna plenamente humanas.

Mas, os homens progressistas a despeito de notáveis, porque, raras exceções, não seguiram esse princípio e é compreensível que as feministas também não o façam, e que o que resta do movimento

feminista já dividido por múltiplas linhas de fratura, se ache hoje dividido a respeito da nova ordem mundial. Essa divisão é nova porque a prática ocidental é hoje explícita e o imperialismo nem procura mais se disfarçar, mas não é surpreendente porque o feminismo não chegou a construir uma filosofia, nem mesmo a discussão, pelo menos na França, sobre as implicações de um feminismo consequente no que se refere à geopolítica, isto é, as relações entre os Estados. Aliás, por que e como a teria feito, quando no conjunto do mundo político ninguém mais sabe a que santo recorrer?

O deslocamento para a direita, de todo o jogo política, assim como de toda a reflexão, foi o que marcou os anos 80, seja nos Estados Unidos, na Inglaterra ou na França. Mas, neste último e infeliz país, o deslize para a direita foi acompanhado de uma confusão mental. De fato, nos outros países são os conservadores os Reagan e as Thatcher que defendem ideologias conservadoras, as coisas seguem a ordem, e a esquerda, mesmo enfraquecida, pode até em sua fraqueza numérica, conservar-se fiel a esta mesma. Mas na França, a esquerda institucional constituiu-se como uma coalizão ad hoc, voltada para a tomada do poder, um agrupamento ideológico muito amplo e muito frouxo. Movimentos diversos de pessoas destruíram as linhas que separavam a social democracia da extrema esquerda.

Então, quando depois de chegar ao poder, essa esquerda institucional que nem mais podia ser renegada pela extrema esquerda, pois se achavam estreitamente misturadas, não apenas os pincéis, mas também os homens (parafrazeando as expressões preferidas destes últimos) quando essa esquerda unida reabilitou o capitalismo, transformou os empresários em heróis dos tempos modernos, fez o elogio da concorrência, introduziu o índice Dow Jones no canal oficial de televisão, logo após a meteorologia (que tempo vai fazer amanhã e como vão minhas ações na Bolsa de Tóquio, questões que atormentam todos os franceses e francesas) endeusou a balança do comércio exterior, fez com que a população aceitasse o sacrifício de três milhões

de indivíduos (as desempregadas e os desempregados) para o maior bem da competição econômica com seus próprios parceiros europeus, quando essa esquerda desprezando os fatos continua a dizer que o conjunto da população será beneficiado um dia, ao passo que os números mostram que é um punhado de capitalistas que ganha com isso, quem consegue resistir a dúvida, ao desanimo ou ao silêncio preço da cumplicidade no passado?

Quando é a esquerda que promove uma visão elitista e cruel de um universo impiedoso, os fortes (não se diz a custa de quem eles se tornaram fortes) acabam saindo-se bem, enquanto os outros, quando é a esquerda que se tornou caducas e vergonhosas no espaço de uma geração, as noções de revolução de justiça, de igualdade, quem ainda tem coragem de se dizer de esquerda?

Torna-se claro que os fatores de decomposição da esquerda e do feminismo, são em parte os mesmos, e nem por isso os dois passam a se entender, além dos obstáculos preexistentes, surgem hoje as investidas de uma ideologia reacionária. Porque se trata de fato, de uma ideologia. Em nome da real política, a esquerda vocifera com os lobos neoliberais e em nome do fim das ideologias, apoia interpretações pseudorealistas. Mas, é a esquerda que instala ministérios da caridade e chora lágrimas de crocodilo sobre a crescente miséria do Terceiro Mundo, apresentada como fenômeno inevitável, enquanto o Terceiro Mundo continua a um custo cada vez maior para ele a nos enriquecer (nós, o FMI, nós, os capitalistas) pelo pagamento de juros de uma dívida asfixiante. Hoje é a esquerda que entoia esse refrão inacreditável, repetido por toda a mídia sobre a equivalência entre mercado e democracia, bobagem, sofisma absoluto, que um simples olhar em torno do mundo e antes de tudo, na França, bastaria para desmontar uma ideologia apresentada como não ideologia e baseada num jogo de palavras (Ah! Lacan você ainda não morreu!) entre a liberdade das empresas e a dos cidadãos(ãs). Como, então, ousar ainda falar e até pensar diferente'? Quando de dentro da própria

esquerda surgiu esse mito do fim das ideologias, ficaram desacreditadas todas as interpretações progressistas ou mais modestamente humanistas do mundo.

Como assim discutir o lugar do feminismo na esquerda recomposta? Há inúmeros problemas, talvez mais do que os aqui brevemente assinalados. Em teoria, a esquerda é necessariamente feminista se quiser ser fiel a seus princípios, e o feminismo é forçosamente de esquerda se quiser ficar fiel aos seus, que são teoricamente os mesmos. Mas, na realidade, os grupos e movimentos constituídos sobre bases ideológicas logo se tornam grupos de pressão, reunião de interesses particulares, que favorecem esta ou aquela categoria e permanecem cegos a opressão das outras, apesar das declarações de princípios. O feminismo independente, surgido da revolta, é reforçado pela cegueira e indiferença deliberadas da esquerda, quanto à opressão da mulher corre o risco de seguir a mesma via.

E de quem estamos falando? O esfacelamento da esquerda, já demonstrado por sua virada maciça para a direita, ficou confirmado pela Guerra do Golfo, a respeito da qual a divisão das opiniões, não obedeceu a nenhuma das linhas habituais, houve adversários e partidários dessa guerra em todos os grupos, movimentos e partidos, voou em pedaços o que pudesse haver de unidade aparente na esquerda, na direita, no feminismo.

Por isso, não se pode mais falar de esquerda nem de recomposição da esquerda com a inclusão, ou não, do feminismo, mas de criação de uma nova constelação política.

E, pode-se imaginar essa criação como um agrupamento de interesses setoriais, com cada componente sendo especializado em uma questão e defendendo o seu como os *lobbies* no Congresso? Ou será preferível imaginar a canção de algo que estaria a esquerda, do que existe em termos de acordo básico sobre um quadro moral e filosófico. Esta última possibilidade de a única que forneceria um

alicerce, a unidade ideológica, que o termo a esquerda pressupõe, também supõe que os componentes não feministas da esquerda, assim como o feminismo, evoluam muito e depressa, um em relação ao outro e ambos na mesma direção.

Não se trata de recomposição, mas de recriação ou renascimento. Seja como for, é um processo que exige muito mais que um mero salto, um impulso de imaginação e de inventividade que nos tire do século XIX, no qual ainda estamos mergulhados(as) e nos traga pelo menos até o presente, e se possível, prepare o futuro.

¹ LE DOEUFF, M. Nouvelles Questions Feministes, v13, n1, 1992.

² DELPHY, C. L'Ennemi Principal Parisiens, n2 especial Liberation des Femmes, ano nov 1970.

³ Cf. ATKINSON, T. G & DELPHY, C. Nouvelles Questions Feministes, n6,7. Les Femmes et l'Etat.

⁴ Cf. DELPHY, C. Nouvelles Questions Feministes, v1991, n2, 16, 17, 18.

⁵ Ver SINEAU, M. Nouvelles Questions Feministes, v13, n2.1, 1992.

⁶ Cf LE DOEUFF M Nouvelles, Questions Feministes, v 13, n2.1

⁷ Ver ARMENGAUD F Nouvelles Questions Feministes v 13 n2 2 GASPARD F SERVAN SCHREIBER C & LE GALL A Au Pouvoir Citoyennesi Paris Le Seul, 1992.